



A ECONOMIA SOLIDÁRIA FRENTE AO MERCADO CAPITALISTA: POSSIBILIDADES E LIMITES¹

Daniel Claudy Silveira², David Basso³, Fábio Roberto Moraes Lemes⁴

INTRODUÇÃO: O trabalho analisa a inserção de Empreendimentos de Economia Solidária (EES) no mercado capitalista. Além de caracterizar os vários tipos de empreendimentos, busca-se observar a forma, as contradições e as possibilidades de sua inserção no mercado, bem como avaliar as possibilidades que a economia solidária oferece como alternativa de transformação das próprias regras que regulam uma economia de mercado. **MATERIAL E MÉTODOS:** Este trabalho é resultado de uma pesquisa bibliográfica, sobre a temática da economia solidária e em dados referentes ao mapeamento nacional de empreendimentos de economia solidária realizado pela Senaes/MTE, em 2005, que na Região Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul foi desenvolvido pela Incubadora de Economia Solidária e Desenvolvimento Sustentável da Unijuí. Os dados foram obtidos por meio de uma pesquisa de campo com a aplicação de formulários fechados, com 72 questões, muitas delas de múltiplas escolhas, aplicados em 276 EES, em 54 municípios do Noroeste Gaúcho. O questionário foi padronizado para todo o Brasil e as entrevistas foram realizadas por técnicos da Universidade aos associados dos EES, os quais responderam coletivamente. Os dados foram sistematizados em programas estatísticos, dando origem ao desenvolvimento e criação de diversas tabelas e gráficos que são caracterizados e utilizados como fonte de pesquisa e dados estatísticos. **RESULTADOS:** A Economia Solidária (ES) se caracteriza por concepções e práticas fundadas em relações de colaboração solidária, inspiradas por valores culturais que colocam o ser humano na sua integralidade ética e lúdica e como sujeito e finalidade da atividade econômica, ambientalmente sustentável e socialmente justa, ao invés da acumulação privada de capital, construindo assim uma nova forma de inclusão social com a participação de todos. É uma proposta em construção, sendo sua principal distinção em relação a outras formas econômicas a propriedade coletiva dos meios de produção e da apropriação dos resultados. Na região do mapeamento realizado pela Unijuí a grande parte dos associados se caracteriza por pequenos proprietários rurais que vêm no associativismo e na cooperação uma possibilidade de elevação de renda e também, apresentando-se como uma alternativa ao desemprego associados de EES urbanos. Concretamente, não há nenhuma garantia de que as contradições que a ES apresenta com o capitalismo podem contribuir decisivamente para a superação do mesmo. Como a maioria destes EES é de origem rural, em uma região cujo principal produto agrícola é uma commodities (no caso a soja), o que se chama aqui de ES é fundamentalmente uma estratégia de re-inserção no mercado de comercialização de bens e serviços finais ao consumidor, pois de forma geral, a maior parte dos EES faz a venda direta ao consumidor de produtos agrícolas oriundos da agricultura familiar. Um grupo representativo de entrevistados declarou que a divulgação de suas atividades se dá prioritariamente pela via do tradicional “boca-a-boca” que, conjugado com o fato de que a maioria dos EES declarou não apresentar dificuldades para comercializar, isto atesta os fortes vínculos que este tipo de empreendimento possui com seus consumidores. Com os resultados econômicos que os EES conseguem, considerando que a grande maioria volta-se para a



produção e venda direta ao consumidor final, pode-se constatar que os mesmos têm apresentado relativo sucesso em suas atividades mercantis, isto é, tem conseguido sustentar-se justamente num dos setores mais competitivos do mercado. De maneira geral, os EES analisados apresentam peculiaridades na forma de atuação no mercado, articulando a venda coletiva da produção de associados individuais, e que a maioria tem apresentado resultados econômicos positivos, sendo que muitos consideram não possuir dificuldades para comercializar. Outro diferencial é que não há preocupação em investimentos em mídia para assegurar esse resultado. Este relativo sucesso dos EES pode ser explicado considerando que a economia solidária possui semelhanças com a economia camponesa, baseando-se na propriedade social dos meios de produção e na comunidade que trabalha, com poder de decisão e organização estratégica coletiva. Os EES contribuem para dinamizar o potencial de recursos humanos e materiais que, conseguindo inserir-se no padrão de desenvolvimento sustentável, tendem a ocupar os nichos de mercado, parcialmente protegidos da grande concorrência e a estabelecerem práticas de trocas baseadas na confiança entre produtores e consumidores. Para a sobrevivência no mercado competitivo, os EES devem ter padrões socialmente necessários de produção e socialmente aceitos de demanda, ou seja, produzir de forma competitiva o que é demandado, em quantidades suficientes, com preços competitivos, qualidade assegurada, diversificação de produtos, serviços de pós-venda, bem como devem dispor de outras capacidades e competências econômicas indiretas, tais como financiamento e crédito ao consumidor. Somente desta forma os EES podem sobreviver para além da ocupação de certos nichos de espaço limitado no mercado. **CONCLUSÃO:** Os EES estudados apresentam relativo sucesso de penetração no mercado. Conclui-se, por conseqüência, que a experiência concreta dos EES é plenamente possível de ocorrer dentro do sistema, já que muitas de suas características moldam-se plenamente às condições exigidas pelo mercado (flexibilidade, diferencial) . Questiona-se como a ES pode contribuir para superar os problemas gerados pelo sistema e como os EES das regiões analisadas têm se posicionando frente a estes desafios. No atual cenário, os EES devem conseguir fortalecer sua presença neste próprio mercado como condição básica para sua existência, avançando na construção de objetivos que condizem com os ideais e desafios da Economia Solidária. Os EES estudados na região Noroeste do Rio Grande do Sul ainda estão dando os seus primeiros passos em termos de organização e de relevância econômica. O relativo sucesso que os EES mapeados têm obtido no mercado, no entanto, permite ver que uma das condições básicas para o desenvolvimento desta proposta, que é a sobrevivência destes empreendimentos, está sendo assegurada. O desafio é fazer com que tal sobrevivência não aconteça apenas como mais um elemento anárquico deste mercado. O capitalismo, especialmente em suas crises cíclicas, abre margens para diversas formas de organização do trabalho distintas de seu modelo clássico, o assalariamento. Enquanto algumas destas formas conseguem subsistir junto ao sistema, outras desaparecem. Mesmo com a possibilidade de subsistir no mercado os resultados do estudo não são suficientes para apontar a Economia Solidária como uma possibilidade de superação do próprio sistema. A viabilidade econômica dos vários tipos de empreendimento de economia solidária, bem como o seu potencial de difusão do solidarismo frente à competitividade capitalista, são algumas das questões que precisam ser estudadas com maior profundidade.



- 1 Trabalho Iniciação Científica com base em dados regionais do Mapeamento Nacional de Economia Solidária.
- 2 Acadêmico de Economia da Unijuí, bolsista PINBC/CNPq
- 3 Prof. Dr. do Departamento de Economia e Contabilidade e no Mestrado em Desenvolvimento da Unijuí, Orientador
- 4 Economista, Mestrando em Desenvolvimento da Unijuí e bolsita CAPES.